

Água e Sustentabilidade

Muitos chamam a este problema *crise securitária*. Pois bem, não aceito tal denominação!

As alterações climáticas impõem, de facto, problemas ao ser humano, mas este, embora nascido na Terra, não está garantidamente destinado a ficar por cá e, por isso, se interessa tanto pela vida noutros planetas. A tal “crise securitária” seria, por um lado – tal como qualquer guerra – benéfica para essa tão desejada evolução tecnológica: sair deste planeta e poder habitar outro.

Politicamente, é hoje extremamente importante salvar a todo o custo o ambiente e os seus queridos animais. Nem sempre interessa a árvore, as plantas, a água. O imperativo é mostrar apenas o apreço individual que todos têm de nutrir para com o animal. Imagine-se o caso particular de um mero rato: entre as tábuas do soalho, ou no interior das paredes, o pobre do animal não será morto – já que o repúdio pela morte não o permite –, mas será sujeito a uma *armadilha segura*, enjaulado e libertado na natureza. A questão é que não viverá muito tempo entregue à sua sorte, pois há sempre predadores à sua espera. Se o deixassem viver nos confortáveis aposentos da sua antiga residência, a sua vida seria, sem dúvida mais longa.

Não, o problema em questão é muito mais gravoso: não se trata de convicções políticas como vimos anteriormente, nem de alertas securitários: trata-se, sim, de uma pergunta muito mais simplória, que apenas a nós – e à nossa consciência – diz respeito: a preocupação com os animais é legítima, mas a água deveria estar no cerne de todas as políticas. Que direito temos, enquanto espécie, de limitar o acesso a este líquido da vida a todas as outras?

A resposta é simples: não temos qualquer direito; aliás, na condição de espécie dominante (na capacidade cognitiva, pelo menos) o nosso dever é exatamente o oposto: usufruir dos benefícios deste planeta não os eliminando – quer seja por interesses económicos, políticos ou, simplesmente, éticos.

De facto, a nossa missão não deve ser apenas a de reduzir o consumo de água. Deve ser, ao invés, fazermos a melhor gestão deste recurso tão precioso. Não é essencial colocar uma garrafa repleta de areia nos autoclismos de modo a diminuir a capacidade dos mesmos, é essencial reduzir por natureza a capacidade dos autoclismos para o estritamente essencial na sua fase de produção, bem como garantir que a água nestes utilizada resulta de um reaproveitamento da mesma (ou seja, assegurar que seja água proveniente de outras utilizações; ex.: o duche, a lavagem das mãos, a lavagem e secagem – quando executada num eletrodoméstico – da roupa); não é essencial garantir que as empresas tratem as suas águas residuais antes de as devolverem à natureza, é essencial criar uma cultura de reaproveitamento da mesma através da sua utilização em ciclo; não é essencial a criação de barragens e de lagos artificiais para o armazenamento de água – tão pouco a edificação de centrais de dessalinização –, é essencial o desenvolvimento de cisternas e de outros mecanismos de captação das águas pluviais, tal como assegurar a permeabilidade dos solos, de forma a que os níveis dos aquíferos sejam naturalmente repostos.

Apesar de todas estas medidas mais particulares, não deixa de ser essencialíssimo um grande esforço de mitigação dos efeitos catastróficos das alterações climáticas. Nomeadamente, o degelo das calotas polares e dos glaciares terrestres, que contribui para a subida do nível médio dos oceanos e a consequente salinização dos solos – e da água que neles esteja presente.

A água, no estado líquido, é essencial a todas as formas de vida conhecidas e, para além disso, a água doce, no estado líquido, é vital para nós, seres humanos. Protejamos este recurso de máximo estatuto prioritário; se não for porque a água é Vida, que seja pelo egoísmo que tão bem nos caracteriza.